

BALA SEM DESTINATÁRIO

Acordo novamente com o som de tiros pela rua, olho pro lado e meu marido ainda está dormindo. Os tiros estão cada vez mais fortes. É como o galo costuma cantar por aqui. Desde ontem, está acontecendo uma guerra entre traficantes daqui do complexo de São Carlos, o que já virou rotina. Minha única preocupação com isso tudo é com meu filho de três anos, então vou ao quarto dele, e como esperado, está acordado e assustado, para confortá-lo digo que são apenas fogos e ele fica um pouco mais calmo.

Já amanheceu e os tiros não param, já é tão normal isso por aqui que a polícia nem vem mais, ligar para eles é perda de tempo. Acabei de ir a sala e reparei que uma bala acertou minha janela, ainda bem que ela é de madeira quase nem estragou. Não é a primeira vez que acertam minha casa. Outro dia, acertaram o carro do meu marido que estava na porta, a porta do carro foi completamente furada por balas de fuzil, mas não ficou tão ruim assim.

Se esse maldito tiroteio não parar até escurecer terei que sair no meio dele e o pior mesmo é que meu filho vai comigo, porque não posso deixá-lo sozinho em casa, pois meu marido também trabalha.

O tempo está passando e nada de parar, parece que eu vou ter que sair no meio dessa guerra mesmo. Vou começar a me arrumar, pois não quero chegar atrasada no meu segundo dia de trabalho. Saio de casa e, para ele não ver nada do que está acontecendo, coloco uma música nos fones de ouvido e ponho nele, lhe pego no colo e cubro sua cabeça com o capuz da blusa.

Começo a descer à rua, os tiros pararam por um instante, parece que finalmente o tiroteio acabou. Eu olho para o lado para atravessar a rua, quando vejo dois homens correndo sem rumo com armas na mão, parecem estar transtornados, eles param e começam a atirar sem rumo, por pura diversão. Para proteger meu filho das balas coloquei ele no chão e me curvei por cima dele.

Parece que algo acertou a barriga, fui olhar o que era e algo acertou o meu rosto. Dois tiros de fuzil que não tinham destinatário me acertaram e ali eu caí, aos pés do meu filho, que era apenas uma criança inocente, viu sua mãe levar dois tiros na sua frente. Fui levada para o hospital mas não havia mais nada a se fazer e então eu morri, em uma mesa de cirurgia, depois de ter tomado dois tiros, um no rosto e outro na barriga.

Eu apenas queria ir trabalhar, porém uma bala sem destino, achou seu destinatário.

Ana Cristina, de 25 anos, foi mais uma vítima de bala perdida no Rio de Janeiro, no dia 26 de agosto de 2020 enquanto saía para trabalhar.